

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM PALMAS NOS DISCURSOS JORNALÍSTICOS *ON LINE*

VIOLENCE AGAINST WOMEN IN PALMAS ON JOURNALISTIC DISCOURSES ON LINE

Jordana Teixeira de Melo Dias
UFT
Adriano Batista Castorino
UFT

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar de que forma a violência contra a mulher em Palmas é construída a partir de discursos jornalísticos *on line*. O referencial teórico e as discussões sobre o tema fundamentaram-se em autores como Norman Fairclough (2001) e Eni Puccinelli Orlandi (1999), e com Pierre Bourdier (1989;2002) tratou-se do tema simbolismo e violência simbólica. Comprovou-se visivelmente nos textos das notícias analisadas que a imprensa se utiliza de estratégias de legitimação da desigualdade de gênero, particularizando a narrativa de divulgação e não dando foco como problema social. Observou-se que a violência simbólica nos discursos é perceptível sob um olhar mais crítico e atento, existindo uma relação social de dominação naturalizada, na qual a hegemonia masculina como dominante é sobreposta diante o ser feminino, dominado.

Palavras-chave: Violência contra a mulher; Discursos jornalísticos *on line*; Violência Simbólica.

Abstract: This article aims to analyze how violence against women in Palmas is built from journalistic discourse online. The theoretical framework and the discussion on the subject was grounded on authors such as Norman Fairclough (2001) and Eni Puccinelli Orlandi (1999), and Pierre Bourdier (1989;2002) was treated symbolism and symbolic violence theme. Proved noticeably in the texts of the news analyzed that the press uses legitimization strategies of gender inequality, individualising the disclosure of narrative and not giving focus as a social problem. It was observed that the symbolic violence is noticeable in the speeches under a more critical and watchful eye and there is a social relation of naturalized domination, in which the male hegemony as dominant is superimposed on being female - dominated.

Keywords: Violence against women; Journalistic discourses *on line*; Symbolic Violence.

Introdução

A violência contra a mulher cresce, conforme notícia a imprensa, em especial no jornalismo *on line*. Aqui além de o mote ser a notícia, há ainda a premência do tempo noticiado, cujo lema é a notícia em tempo real, e está disponível em qualquer equipamento eletrônico ligado à internet.

As artimanhas narrativas do discurso jornalístico, tanto em *websites* quanto em jornalismo impresso, providenciam os costumes, os recursos e os símbolos que colaboram com a construção dos comportamentos, entendimentos e apreciação das notícias pela coletividade. Essas estratégias discursivas produzem sentidos que também produzem violência, mesmo que simbólica. Esta violência simbólica, na qual a mulher é submetida, passa despercebida por ser naturalizada, não a enxergando como violência, perpetuando dia a dia, a desigualdade de gênero. Nesse sentido há uma naturalização da dominação entre os “dominantes”, homem, e os “dominados”, mulher, na qual os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes em suas relações. (BOURDIEU, 2002).

O aumento cíclico da violência contra a mulher, incluindo ameaças, estupros, homicídios, entre outros, e suas divulgações na imprensa, especificamente sobre casos na cidade de Palmas - TO, objeto do estudo, justificou o interesse em conhecer como o conceito de violência contra a mulher é construído, e reiterado, a partir dos discursos jornalísticos *on line*, com base em matérias publicadas pelos sites: Conexão Tocantins, G1-TO e Jornal do Tocantins. Para isso, tomou como referencia três casos com relevante repercussão ocorridos em Palmas em 2014 e 2015. A seleção de jornais diferentes proporcionou a comparação das diversas abordagens de violência contra a mulher. Utilizara-se como critério de busca nos sites a frase: violência contra a mulher em Palmas - TO.

Primeiro, procurou - se explicitar os artifícios discursivos de textos jornalísticos *on line* quando tratam de violência contra a mulher. Segundo buscou-se perceber nos textos aspectos simbólicos da violência contra a mulher e analisar os argumentos implícitos nas abordagens do tema.

O entendimento dos discursos jornalísticos *on line* sobre violência contra a mulher poderá possibilitar discussões e reflexões mais críticas a serem esclarecidas nas reportagens, no qual poderia explicar as formas de violência ocorridas, as providências que devem ser tomadas e mostrar relatos de mulheres que superaram a violência, independente do mecanismo de superação (terapias, apoio familiar, aplicação das leis e políticas públicas relacionadas ao tema).

1 Definições de conceitos: da “violência de Gênero”, da “violência doméstica” e da “violência contra a mulher”, como expressões socioculturais, à “violência simbólica” contra a mulher.

A discussão acerca da violência contra a mulher é uma realidade que vai além das fronteiras nacionais e culturais, a começar pelas definições dos conceitos de violência, a qual as mulheres são submetidas. Souza diz que: “[...] embora a “violência de gênero”, a “violência doméstica” e a “violência contra as mulheres” estejam vinculadas entre si, são elas conceitualmente diversas, principalmente no que diz respeito ao seu âmbito de atuação”. O autor traz uma definição reflexiva dos três tipos sobre violência contra a mulher:

A violência de gênero [...] se generalizou como uma expressão utilizada para fazer referência aos diversos atos praticados contra as mulheres como forma de submetê-las a sofrimento físico, sexual e psicológico, [...]

O termo “violência doméstica” [...] mesmo significado de “violência familiar” ou ainda de “violência intrafamiliar”, circunscrevendo-se aos atos de maltrato desenvolvidos no âmbito domiciliar, residencial ou em relação a um lugar onde habite um grupo familiar [...]

[...] “Violência contra as mulheres”. Nesta acepção têm-se que a garantia da proteção da mulher, enquanto ser humano mais suscetível de sofrer com o fenômeno da violência, aqui é expressa não só no âmbito das relações do grupo familiar que integra, bem como nos demais âmbitos sociais[...].(SOUZA, 2009).

Segundo Santos (2009, p. 6) as pessoas costumam confundir “gênero” com diferenciação sexual: homem/mulher. Assim, o conceito não tem fundamento biológico, mas sim social, remetendo à concepção social do que é ser “mulher” e o que é ser “homem”, no qual estes são formados socialmente, por meio dos costumes e práticas que se baseiam na desigualdade de oportunidades, de direitos, de deveres, de liberdade, ao longo dos séculos.

A Lei Maria da Penha n.º 11.340 sancionada em 7 de agosto de 2006 possibilitou uma maior transparência e visibilidade ao fenômeno da violência contra a mulher. Em seu Art. 7º a lei também contextualiza as formas de violência doméstica e familiar contra a mulher:

I - a violência física [...] qualquer, conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II - a violência psicológica [...] dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, [...]

III - a violência sexual, [...] qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, [...]

IV - a violência patrimonial, [...] qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de

seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, [...]

V - a violência moral, [...] qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria". (BRASIL, Art. 7º LEI Nº 11.340, 2006).

O conceito de estado de violência ainda é complexo, multidisciplinar e transversal, diz respeito aos danos causados à vítima em sua integridade material, moral e simbólica. Bourdieu (2002) fala da existência de uma violência simbólica, que surge como todo o poder invisível que consegue impor significações como legítimas, evidenciando principalmente o poder entre o dominante e o dominado:

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; [...].(BOURDIEU, 2002, p. 47.)

Segundo Bourdieu (2002, p.139) fazer uma reflexão sobre como contribuir para o desaparecimento progressivo da dominação masculina é permitir uma revisão de valores que mobilize a todos, a começar pelo Estado:

Só uma ação política que leve realmente em conta todos os efeitos de dominação que se exercem através da cumplicidade objetiva entre as estruturas incorporadas (tanto entre as mulheres quanto entre os homens) e as estruturas de grandes instituições em que se realizam e se produzem não só a ordem masculina, mas também toda a ordem social (a começar pelo Estado, [...] poderá, a longo prazo, sem dúvida, e trabalhando com as contradições inerentes aos diversos mecanismos ou instituições referidas, contribuir para o desaparecimento progressivo da dominação masculina. (BOURDIEU, 2002, p.139.)

2. O Jornalismo *on line* como base na análise de discursos sobre violência contra a mulher

As notícias de violência contra a mulher também se figuram nos jornais *on line*, mas é preciso entender melhor a forma como os conteúdos são apresentados, objeto de estudo deste trabalho. Segundo Santos (2009, p. 8): "O jornalismo tem como funções básicas informar, entreter e educar. A empresa jornalística teria a missão de informar da maneira mais isenta possível seus interlocutores para que estes possam exercer sua cidadania".

Eduardo Viana (2001) preconiza o cuidado que o jornalismo *on line* deve ter, a começar pelo título, pois ele é o *link* para a matéria, a isca para atrair o leitor, no qual este vai acabar preferindo acessar aqueles com notícias precisas. A qualidade do texto depende diretamente dos atributos da apuração da notícia, apesar de que nele não se altera muita coisa em termos de estilo na passagem da mídia impressa para a Internet.

Segundo Norman Fairclough (2001, p. 143-144) "a mídia de notícias está no negócio competitivo de "recrutar" leitores, telespectadores e ouvintes em um contexto de mercado", "no sentido de estar espetacularizando ou omitindo fatos".

Muitas estratégias discursivas jornalísticas apontam para um apanhado de sentidos que de alguma forma também produzem violência, mesmo que simbólica. Esta violência simbólica confere poder aos Meios de Comunicação, em especial o jornalismo *on line*, pois reproduz o estereótipo histórico que relega uma posição de subalternidade à mulher, apresentando a como inferior ao

homem. Nesse contexto de relações de gênero, Fairclough (2001) fala sobre a existência conflitante dos indivíduos nas ocorrências discursivas e os embates que provocam contradições estruturais nas relações de gênero nas instituições e na sociedade como um todo.

Segundo Silva (2012) é possível perceber a violência no discurso jornalístico em pelo menos dois aspectos, tais como: a veiculação das notícias sobre atos violentos e a promoção da violência pelo próprio discurso jornalístico. Em relação ao primeiro aspecto trata-se do poder desempenhado pelo discurso jornalístico sobre seus interlocutores, no qual o acesso à informação depende da intencionalidade da instância de produção jornalística. No segundo aspecto, é apurado que o discurso jornalístico evidencia-se como possível campo disseminador da violência simbólica. Destarte, é importante entender os sentidos da notícia, tanto a violência noticiada, quanto sobre a forma que se dá essa notícia.

Conforme Orlandi (1999, p. 15), a análise do discurso procura estudar e entender a linguagem em pleno funcionamento, ou seja, compreender os sentidos que ela forma. Assim, “não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso, como: “[...] O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. [...]”. A autora complementa estas ideias, dizendo que enquanto trabalho simbólico, a análise de discurso buscar envolver a língua fazendo sentido, de modo a fazer parte do trabalho social geral, característico do homem e da sua própria história.

O discurso serve para a construção das identidades sociais, para as relações sociais entre as pessoas e para os sistemas de conhecimento e crença.

A análise do discurso-crítico compreende três dimensões, segundo a Teoria social do Discurso, citado por Fairclough (2001, p. 99) sendo que as duas dimensões “texto” e “Prática Social” são mediadas pela dimensão “Prática Discursiva” que examina o discurso especificamente como prática discursiva.

Com relação à primeira dimensão, o texto, é por meio de sua estrutura que são ajustados os elementos textuais para constituir um determinado tipo de texto, dependendo do seu objetivo, ou seja, do tipo de texto a ser escrito, uma notícia, uma entrevista etc.

Os textos são feitos de formas as quais a prática discursiva passada, condensada em convenções, dota de significado potencial. O significado potencial de uma forma é geralmente heterogêneo, um complexo de significados diversos, sobrepostos e algumas vezes contraditórios [...] Uma vez que tenhamos em mente a dependência que o sentido tem da interpretação, podemos usar ‘sentido’ tanto para os potenciais das formas como para os sentidos atribuídos na interpretação. (FAIRCLOUGH, 2001, p.103)

A segunda dimensão da Análise Crítica do Discurso que é a Prática Discursiva envolve processos de produção, distribuição e consumo textual, sendo variável a natureza desses processos entre diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais.

Outro elemento importante para a análise de discurso é a *intertextualidade*, dentro da prática discursiva. Segundo Fairclough (2001) ela está presente de forma marcante nos textos jornalísticos, de forma peculiar no gênero reportagem, quando as partes de outros textos são incorporadas a um texto e explicitamente distinguidas por recursos como as aspas e orações relatadas. Nesse sentido o autor diz: “[...] a representação do discurso é obviamente uma parte importante das notícias: representações do que as pessoas disseram e que merece ser notícia”. (FAIRCLOUGH, 2001, p.140). Há dois tipos para a intertextualidade: a) intertextualidade manifesta (intertextualidade explícita, aquela na qual os textos utilizados na construção de determinado texto são mostrados claramente, por meio, por exemplo, do uso de aspas e de verbo); b) intertextualidade constitutiva ou interdiscursividade (formada de maneira heterogênea e construída através de elementos dos ordens de discurso).

A terceira dimensão relacionada à Análise de Discurso Crítico embasa sobre a Prática Social de Discurso que envolve a ideologia e a hegemonia. Fairclough (2001, p. 121) diz que: “As ideologias

surtem nas sociedades caracterizadas por relações de dominação com base na classe, no gênero social, no grupo cultural [...] e, à medida que os seres humanos são capazes de transcender tais sociedades, são capazes de transcender a ideologia”.

PARTE 1 – AS ARTIMANHAS DOS DISCURSOS DE TEXTOS JORNALISTICOS ON LINE SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA MULHER EM PALMAS – TO

Nos argumentos de Orlandi (2003, p.17): “[...] a Análise do Discurso [...] não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: “como este texto significa?”.

É possível verificar como os discursos jornalísticos inscrevem sentidos diversos sobre os assassinatos mencionados nas notícias abaixo.

Jovem que estrangulou e estuprou mulher no TO pega 46 anos de prisão¹

‘Eu estupro mesmo’, afirmou ele em agosto de 2014, quando foi preso.

W.O.da.S., de 22 anos, assassino confesso de K.M.A.S, de 29 anos, encontrada morta em agosto do ano passado em Palmas, foi condenado a 46 anos de prisão. Ele responde pelos crimes de latrocínio e estupro seguido de morte. A informação foi divulgada nesta terça-feira (14) pelo Ministério Público Estadual (MPE). [...]

K. foi morta no dia 15 de agosto de 2014 e W. foi preso no dia seguinte. Após ser detido pela Polícia Militar, ele confessou o crime, deu risada e ironizou o momento. «Eu estupro mesmo e matei mesmo. Vou ficar mais ou menos uns três meses [preso], mas nem que demore um pouco não vou reclamar. Pelo menos a gente engorda», afirmou ele. [...]

J.L, de 41 anos, que na época era vizinho de K., é acusado de ser o comparsa de W. O fato dele ter sido conhecido da moça, segundo a polícia, facilitou a entrada dos dois homens na casa da vítima. Na quitinete de Lopez foram encontrados alguns dos pertences dela. [...]

Crueldade

A morte da estudante ganhou grande repercussão no país pela crueldade e frieza de W. Conforme as investigações da polícia, K. foi amarrada por volta de meia-noite e em seguida agredida e violentada sexualmente. Depois de passar aproximadamente quatro horas nas mãos dos agressores, W. estrangulou a vítima. [...]

A estudante K.M.A. Silva, de 29 anos, foi encontrada morta no dia 15 de agosto de 2014 dentro da quitinete onde morava na quadra 706 sul na capital. De acordo com informações da Polícia Militar, K. foi encontrada com sinais de estrangulamento, hematomas no rosto e suspeita de violência sexual.

[...] (G1-TO, 2015).

¹ Notícia n.1 relata o **Crime A** que faz referência ao assassinato ocorrido em agosto de 2014, o qual vitimou a estudante (K.M.A.S) de 29 anos.

Mulher é encontrada morta dentro de casa na região sul de Palmas²

Mulher teria sido encontrada no quarto com cinco perfurações de faca

H.A.L.M, de 34 anos, foi encontrada morta em casa na noite deste sábado (6) na quadra 1204 sul em Palmas. A mulher era professora e coordenadora da Escola de Tempo Integral Padre Josimo Tavares que fica localizada na região norte de Palmas. Segundo informações de parentes, após diversas ligações para a o celular da vítima, e após o portão da casa ter sido arrombado por familiares, H foi encontrada caída no chão do quarto com cinco perfurações de faca. Ainda conforme testemunhas, eram quase 22h quando o cunhado da vítima arrombou o portão. No dia em que teria acontecido o crime, H estava sozinha em casa, pois segundo informações da família, o marido e os dois filhos, um de 8 e outro de 10 anos, haviam viajado. Na ocasião foram levados um notebook e um DVD da casa da vítima, mas ainda não se sabe quantas pessoas teriam cometido o crime ou se mais objetos foram levados. [...] (G1-TO, 2014).

Mulher é estuprada e morta a facadas em construção abandonada no TO³

De acordo do a polícia, I.B.C. recebeu 18 golpes.

Uma mulher foi morta após um estupro no setor Aurenly III, região sul de Palmas. Segundo informações da Polícia Militar, I.B.C., de 40 anos, foi abordada por um homem ainda não identificado, quando descia do ônibus na tarde desta sexta-feira (12). De acordo com o delegado responsável pelo caso, J.S.K., a vítima recebeu 18 facadas e foi estuprada em uma construção abandonada, que fica próxima da casa onde ela morava. I. chegou a ser socorrida pelo Serviço de Atendimento Móvel (SAMU), mas não resistiu aos ferimentos e morreu a caminho do hospital. O [...] marido da vítima, disse que chegou ao local do crime e conversou com a esposa, que ainda estava com vida e deu detalhes da abordagem. “Ela [...] me disse que quando desceu do ônibus o homem estava sentado lá perto.” [...] Segundo a polícia, o suspeito é moreno escuro, magro e tem aproximadamente 1,90m de altura [...]

O caso é investigado pela Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP) e os policiais continuam as buscas pelo suspeito, que chegou a ser visto por testemunhas, mas conseguiu fugir. [...] B. disse que já viu o homem pela região, mas não o conhece. I. trabalhava como encarregada de serviços gerais. [...] a mulher morava com o marido e os três filhos, de 14, 16 e 18 anos. [...].(G1-TO, 2015)

É possível notar em todas as três notícias um dos itens principais utilizados na Prática Discursiva, a “Intertextualidade”, sendo utilizados na maior parte discursos indiretos. Segundo Fairclough (2001, p.114.) “[...] a intertextualidade é basicamente a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente [...]”. O autor sugere

2 Notícia n.2 relata o **Crime B** que faz referência ao assassinato ocorrido em dezembro de 2014, o qual vitimou a professora (H.A.L.M) de 34 anos.

3 Notícia n.3 relata o Crime C que faz referência ao assassinato ocorrido em junho de 2015, o qual vitimou a encarregada de serviços gerais (I.B.C) de 40 anos.

também que devido a intertextualidade a heterogeneidade é enfatizada nos textos, de modo a destacar elementos frequentemente conflitantes, mas que colaboram na construção do texto.

Nos discursos “Eu estuprei mesmo”, “ele confessou o crime, deu risada e ironizou o momento”, “Eu estuprei mesmo e matei mesmo. Vou ficar mais ou menos uns três meses [preso], mas nem que demore um pouco não vou reclamar. Pelo menos a gente engorda” há alguns elementos heterogêneos que provocam no texto uma superfície desigual, cujos elementos estão relacionados à intertextualidade. Além disso, esses trechos supracitados ecoam ironicamente na composição do texto, principalmente por estar no início da matéria, expressando uma atitude negativa sobre o enunciado da notícia, a fim de chamar a atenção dos leitores.

Com relação às *Práticas Sociais* baseadas nos relatos de Fairclough (2001), o autor diz que discurso e Práticas Sociais compõem uma relação dialética, no qual o discurso molda e é moldado pela sociedade. Há várias orientações sobre a prática social de discurso (econômica, política, cultural e ideológica), mas este artigo se limitará aos argumentos de modo de prática ideológica, onde o foco é a da hegemonia masculina e suas implicações na contrapartida feminina, que podem ser evidenciados na mídia *on line*. A prática ideológica estabelece, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder. Nesse sentido, os Meios de Comunicação, em especial o jornalismo *on line*, muitas vezes, de um lado, acaba por reproduzir o comportamento histórico que submete a mulher, como inferior ao homem, como por outro lado, pode possibilitar uma mudança social por meio dos discursos das notícias.

Para entender como é construída a noção de violência contra a mulher nos discursos da imprensa eletrônica foram eleitos alguns critérios pra diferenciar as análises das notícias, já que se referem a crimes com características diferentes, os quais são:

a) Interpretação dos títulos e subtítulos das notícias:

Dada às funções dos títulos das notícias, estes são informativos, indicativos, mas expressivos, com certo nível de apelação.

Com exceção da notícia n.1, os títulos n.2 e n.3 foram enfáticos no “apagamento” (FAIRCLOUGH, 2001, p.104), dos homens responsáveis pelo assassinato, embora suas referências possam ser citadas no corpo do texto das mesmas. Ainda pode ser observado nos títulos das notícias n.2 e n.3 que as mulheres assassinadas são demonstradas pelo uso da voz passiva, como em “Mulher é encontrada morta”; “Mulher é estuprada e morta a facadas” e pela supressão do autor do crime, incitando a opressão do ser feminino e a soberania do ser masculino.

b) Caracterização e adjetivação atribuída aos autores dos crimes e suas ações:

Cada notícia referente aos Crimes A, B e C teve uma característica peculiar tanto na descrição dos autores dos crimes quanto em suas ações praticadas.

Na notícia n.1, por exemplo, chamou a atenção o comportamento do autor do crime, W.O.da S., de 22 anos, de uma forma torpe e debochada com relação ao Crime A, motivo que levou a notícia de adjetiva-lo de “assassino confesso”, cuja declaração do próprio assassino é destacada no subtítulo da notícia, além das falas do mesmo no corpo do texto. Outro ator no acontecimento é o próprio vizinho da vítima, João Lopez, de 41 anos, o facilitador do assassinato”. A notícia enfatiza de modo excessivo, como forma de angariar seus leitores, a narração da caracterização do crime que vitimou K.M.A. Silva, de 29 anos.

A notícia n.2, relacionada ao Crime B, ainda é mais evidente que a notícia deu ênfase mais nos elementos relacionados a vítima do que a um suposto criminoso, onde a única mensagem pelo G1 que remete a quem tenha praticado o crime foi “mas ainda não se sabe quantas pessoas teriam cometido o crime ou se mais objetos foram levados”. Além disso, toda a narrativa da notícia foi baseada nos relatos dos familiares, não havendo um relato de fonte policial para complementar, o que foi justificado no final da matéria quando o G1-TO para confirmar as informações tentou entrar em contato com a Polícia Militar e Civil, sem retorno.

A notícia n.3, relacionado ao Crime C houve uma inversão da ordem de discurso com relação a sequencia dos fatos quando no título diz “Mulher é estuprada e morta” e posteriormente no

corpo do texto “a vítima recebeu 18 facadas e foi estuprada”. A notícia também aborda no título e subtítulo palavras contundentes e por fim deixa a informação da composição dos membros da família da vítima, que transmite simbolicamente a imagem de uma família assolada por este crime nefasto, o que pode chamar a atenção de um leitor mais sensível.

c) Visibilidade de ações no combate a violência contra a mulher nas três notícias:

Em nenhuma das três notícias houve informações complementares nas matérias, ou por meio de *links* sobre a importância de se combater qualquer tipo de violência contra a mulher. Apesar disso, com relação à continuidade das notícias sobre os três casos de assassinatos, todas forneceram informações em datas posteriores, haja vista, a preocupação também do G1-TO.

d) Participação do jornal como produtor textual ou produtor de notícia:

O conceito de “produtor textual” é apresentado por Fairclough (2001, p.107). Segundo o autor vale a pena saber que: “os textos são produzidos de formas particulares em contextos sociais específicos”, afirma o linguista. Para identificar os participantes destes “contextos sociais” e os interesses envolvidos na prática discursiva, Fairclough aconselha:

[...] desconstruir o(a) produtor(a) em um conjunto de posições, que podem ser ocupadas pela mesma pessoa ou por pessoas diferentes. [...] Em artigos de jornal há uma ambiguidade na relação entre essas posições: frequentemente, o principal e uma ‘fonte’ fora do jornal, mas algumas reportagens não deixam isso claro e dão a impressão de que o principal e o jornal (o(a) editor(a) ou um(a) jornalista); e os textos de autoria coletiva muitas vezes são escritos como se fossem assinados por um(a) único(a) jornalista [...] (FAIRCLOUGH, 2001, p.107)

Também observou - se nas análises dos discursos jornalísticos, sob títulos de notícias dos mesmos crimes (Quadro 1), publicados em três jornais.⁴ Alguns títulos deixam espaços mais proeminentes, do ponto de vista da notícia, falham por falta de contextualização, ou ainda por falta de referências do acontecimento, contudo, outros podem ser mais objetivos e significativos, ou, outros podem conter aspectos peculiares e circunstanciais dos fatos.

Quadro 1 – Títulos de três notícias *on line* sobre assassinatos de mulheres em Palmas - TO

Descrição	Títulos das notícias <i>on line</i>		
	CT	G1-TO	JT
Crime A (K.M.A.S); Ocorrido em 08/2014	Jovem é condenado a 46 anos de reclusão por latrocínio e estupro seguido de morte da K. S.	Jovem que estrangulou e estuprou mulher no TO pega 46 anos de prisão	Jovem de 28 anos é achada morta em quitinete
Crime B (H.A.L.M); Ocorrido em 12/2014	Professora é encontrada morta no quarto de casa; corpo será enterrado nesta segunda-feira	Mulher é encontrada morta dentro de casa na região sul de Palmas	Professora é encontrada morta em residência na 1204 Sul

⁴ Conexão Tocantins, G1-TO e Jornal do Tocantins; inclui os títulos das notícias analisadas do portal G1-TO em negrito.

Crime C (I.B.C); Ocorrido em 06/2015	Delegado desmente informação falsa sobre prisão de acusado de estuprar e assassinar mulher no Aurenly III; Buscas continuam	Mulher é estuprada e morta a facadas em construção abandonada	Polícia divulga retrato falado do suspeito de matar mulher a facadas
-----------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado própria a partir de dados dos sites *Conexão Tocantins*, G1-TO e Jornal do Tocantins.

Foram extraídas também, as palavras - chave e frases dos textos dos títulos citados acima (Quadro1), demonstrando visivelmente um painel com um cenário de dominação masculina sobre o indivíduo do sexo feminino. (ver Quadro2).

Quadro 2 – Painel de Frases e Palavras-chave *on line* correspondentes aos textos dos títulos de notícias do Quadro 1

Descrição	Frases e Palavras-chave das notícias <i>on line</i>		
	CT	G1-TO	JT
Crime A (K.M.A.S); Ocorrido em 08/2014	“jovem”; “...estupro seguido de morte”; “condenou”; “confessa o crime em tom de deboche”; “morte da jovem”; “grande repercussão” ; “... morta por estrangulamento... amarrada e violentada”; “frieza”; “brutalidade”	“jovem estrangulou e estuprou”; “morta;”; “assassino confessou”; “Crueldade”; “estudante”; “morte... ganhou grande repercussão”; “crueldade e frieza”; “amarrada”; “agredida e violentada sexualmente”; “quatro horas nas mãos dos agressores”;...dentro da quitinete onde morava”;	“Jovem de 28 anos é achada morta”; “encontrada morta na própria residência hoje”; “vítima”; “encontrou morta”; “corpo... apresenta”; “sinais de violência no pescoço”; “polícia suspeita de que o crime se trate de latrocínio”;
Crime B (H.A.L.M); Ocorrido em 12/2014	“Professora”; “corpo”; “encontrada morta no quarto de casa”; “inúmeras perfurações pelo corpo”; “golpes de faca”; “estava sozinha”; “suspeito”	“...no quarto com cinco perfurações de faca”; “encontrada morta em casa”; “professora e coordenadora”; “cinco perfurações de faca”; “encontrada morta”; “encontrada caída no chão do quarto com cinco perfurações de faca”; “sozinha em casa”	“morta... residência”; “corpo ...encontrado no chão no quarto, sem roupa e com perfurações no abdômen, nas costas e no pescoço”; “encontrada caída no chão do quarto com cinco perfurações de faca”; “sozinha em casa”
Crime C (I.B.C); Ocorrido em 06/2015	“acusado de estuprar e assassinar mulher”; “crime”; “Crime brutal”; “estuprada em construção abandonada”; “após o estupro foi assassinada com 18 facadas”;	“estuprada e morta a facadas”; “recebeu 18 golpes”; “morta”; “vítima”; “recebeu 18 facadas”; “estuprada”; “construção abandonada”; “vítima”; “morreu”; “suspeito”; “testemunhas”; “encarregada de serviços gerais”	“...facadas”; “morta, na tarde de hoje”; “supostamente ser estuprada”; precisando... atravessar um matagal”; “desferido os dois golpes de faca na vítima... um no pescoço e outro no estômago”; “assassino”

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados de sites *Conexão Tocantins*, G1-TO e Jornal do Tocantins.

Os jornais *on line* (*Conexão Tocantins*, G1-TO-TO e Jornal do Tocantins) divulgaram diversamente palavras e frases no corpo dos textos das notícias dos Crimes A, B e C, nos quais cada um noticiou à sua maneira. Aquelas palavras em tom de “sensacionalismo” podem transmitir e representar para um leitor atento uma possível banalização, a geração de uma insegurança

exagerada, uma relação de poder dominante masculino e a transformação da violência contra a mulher, especificamente assassinatos, em produto midiático, podendo fazer com que as pessoas absorvam passivamente as informações desse tipo de violência, e tornar as pessoas indiferentes às notícias. (Quadro 2). Nesse sentido, a sociedade valida a dominação masculina, devido à naturalização dos fenômenos à eficácia simbólica dos dominantes. (BOURDIEU, 2002)

Percebeu-se contrassensos nas notícias relacionadas aos crimes relacionados, com ênfase na quantidade de perfurações na vítima do Crime B, H.A.L.M.(Quadro 2). Enquanto o jornal *on line* Conexão Tocantins relatou que a vítima foi atingida com “inúmeras perfurações pelo corpo”, o G1-TO citou “cinco perfurações de faca” e o Jornal do Tocantins divulgou “cinco perfurações de faca”, sendo mais específico com “perfurações no abdômen, nas costas e no pescoço”. Isto se relaciona com as fontes de informações, as quais os jornalistas e o jornal detinham até o momento da reportagem.

Violência simbólica contra a mulher - percepção de aspectos simbólicos nas notícias

O processo de ocorrência da violência simbólica se dá por meio de expressões e significados conhecidos no meio social que camuflam as relações de forças existentes entre dominantes e dominados. Os dominantes impõem padrões e classificações sobre os dominados e são incorporados pela cultura de forma naturalizada, caracterizando-a como invisível. Esta cultura que é traçada por meio de sistema simbólico que consente a criação de uma conformidade acerca da compreensão do mundo social (BOURDIEU, 2002, p. 99).

Buscou-se na essência das três notícias *on line*, expressões, significados e argumentos simbólicos, implícitos nas abordagens de violência contra a mulher, enraizados nessa cultura naturalizada, da supremacia do homem em relação à mulher.

A análise começa pela notícia n.1 relacionada ao Crime A, que vitimou a estudante K.M.A.S, de 29 anos. No trecho que se refere ao vizinho da vítima, diz: “O fato dele ter sido conhecido da moça, segundo a polícia, facilitou a entrada dos dois homens na casa da vítima”, nota-se uma relação causal entre as orações. Da forma como o relato foi dito, há a formulação de uma alusão dialética, definida por Fairclough (2001), no qual o autor diz como sentidos implícitos podem ser induzidos a partir de mecanismos da linguagem. No relato do policial, por meio da notícia, pode ser inferido que o estupro seguido de morte que vitimou a estudante ocorreu apenas por que a vítima conhecia o vizinho comparsa do autor do crime (homem que se passou por amigo para ganhar a confiança da vítima), atribuindo à mulher o poder de escolha sobre os atos de estupro e assassinato, algo totalmente fora do seu controle. Outra ideia entendida é que ela tivesse mais cuidado ao falar com estranhos, principalmente o “vizinho com más intenções”.

A notícia n.2 o fato da notícia *on line* do portal G1-TO expor na matéria fotos do local de trabalho e da residência da vítima, H.A.L.M, de 34 anos, pode ser entendido como uma violência simbólica, produzida pela própria mídia, não respeitando a vítima, os familiares e o próprio leitor.

A notícia n.3 que relata o Crime C que vitimou I.B.C., de 40 anos também mostra uma foto ampla da construção abandonada, local onde ocorreu o estupro e seu assassinato pelo estuprador. Nesse caso, também houve exposição da mídia e produção de violência simbólica.

Segundo Bourdieu (2003) as notícias de variedades que mais atraem a mídia, sobretudo a sensacionalista, são de sangue e sexo e de drama e crime. Sua fala é clara com relação à cumplicidade dos que produzem violência simbólica e uma das formas de minimizar este fato seria:

[...] a violência simbólica é desempenhada pela cumplicidade daqueles que a sofrem e também daqueles que a exercem, o autor relewa que os estudos sociológicos e das demais ciências podem contribuir para minimizar a violência simbólica nas relações sociais e, em especial, nas relações de comunicação

exercidas pela mídia. (BOURDIEU, 2003 apud SILVA, 2012. p.5.)

As três notícias *on line* analisadas relatam crimes de assassinatos de mulheres ocorridos em Palmas - TO entre os anos de 2014 e 2015, diferenciados em aspectos como idade, classe social, cenário, autor do crime, dentre outros. Prevalece em comum a estes crimes a forma como foram cometidos. Em todas as três notícias, relacionadas ao Crime A, B e C o portal G1-TO enfatizou as mulheres assassinadas, em todas as instancias dos textos. Nessas notícias as vítimas foram evidenciadas de várias formas, com divulgação do nome completo, idade, ocupação profissional, estado civil, local de moradia, menção a seus familiares, A recorrência de notícias como estas em qualquer mídia, em particular no jornalismo *on line*, promove sua banalização e integração no cotidiano do leitor. Por outro lado, os crimes que obtêm uma grande repercussão na mídia em geral, são “resolvidos” com maior rapidez, devido a inesgotável busca em encontrar os culpados e sentenciar penas mais duras para aqueles envolvidos nos casos em evidência.

As informações pessoais e a divulgação das fotos mencionadas acabam impressionando os leitores por meio de sua sensibilidade, com uma capacidade ideológica de alcance mais rápida. As menções de como os corpos das três mulheres assassinadas se encontravam, remetem o leitor a imaginar o cenário dos crimes, como ocorreram e quem fez parte desta “ocorrência”.

Pode - se depreender das três notícias que devido à caracterização e reprodução do crime, os alvos principais foram os “corpos femininos” das vítimas, uma vez que as notícias relatam como estes foram maltratados, flagelados, torturados e massacrados, ainda que o motivo torpe seja latrocínio seguido de morte. Nas matérias do Crime A e do Crime B, o jornal relatou furto aos pertences das vítimas, mas no Crime C a intenção era somente a prática do estupro. Por que atingir os corpos das maneiras descritas nas notícias? Isto poderia ser representado como uma espécie de extermínio da feminilidade e toda a cultura associada à mulher?

Percebendo o corpo como vetor semântico, de significados, é possível construir elucidações a fim de compreender as relações violentas de gênero constatadas nas três notícias veiculadas no G1-TO. Nesse sentido, Bordieu (2002, p.32) explica que nos homens “a virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdadeira violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de “verdadeiros homens”. Bordieu (2002, p. 66) traz um sentido à questão:

[...] o que chamamos de ‘coragem’ muitas vezes tem suas raízes em uma forma de covardia: para comprová-lo, basta lembrar todas as situações em que, para lograr atos como matar, torturar ou violentar, a vontade de dominação, de exploração ou de opressão baseou-se no medo ‘viril’ de ser excluído do mundo dos ‘homens’ sem fraquezas, dos que são por vezes chamados de ‘duros’ porque são duros para com o próprio sofrimento e sobretudo para com o sofrimento dos outros-assassinos, torturadores e chefetes de toda ditadura[...] (BORDIEU, 2002, p. 66).

“Dominância” que Bordieu (1989) comenta como uma relação entre os gêneros que se dá ao nível simbólico, na qual prevalece a ordem masculina de observar as coisas, e para tanto se utiliza da violência simbólica, reproduzindo o *habitus* do patriarcado em que homens e mulheres entendem tal *habitus* como uma forma natural de idealizar o mundo, reproduzindo a dominação masculina, que também ocorre por meio da “dominação inconsciente do corpo”.

As diferenças sexuais são percebidas como desigualdades sociais que implicam em dominação do homem sobre a mulher, ou seja, há “a socialização do biológico”. Neste contexto, Bordieu (2002, p. 5.) diz que: “A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino [...], pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros [...]”.

Conclusão

O processo de construção do conceito de violência contra a mulher a partir dos discursos

jornalísticos *on line*, tendo como exemplos notícias veiculadas nos jornais Conexão Tocantins, G1-TO e Jornal do Tocantins revelou que a temática da violência contra a mulher sugere, em primeiro lugar, perfilar que este é um fenômeno complexo e com várias facetas. Os variados aspectos desta forma de violência são interligados e se reforçam reciprocamente, com implicações nas relações pessoais e nas instituições sociais. Além disso, é preciso saber que a violência contra a mulher tem raízes profundas, de difícil desconstrução.

Percebeu-se que as estratégias adotadas pelo discurso jornalístico *on line* nas três notícias são de caráter informativo, mas usaram artimanhas no uso de critérios de noticiabilidade, perceptíveis sobre um olhar vigilante, em que os aspectos de estilo tendem em manter uma relação assegurada com o leitor, de modo a captar a sua atenção, impressionando-o, abalando-o, instigando-o, inclusive naturalizando a violência de gênero ao invés de combatê-la. Essa situação pode ser materializada a partir da linguagem utilizada nos textos das notícias, as quais continham frases e palavras que reproduziram a banalização da violência contra a mulher, de modo a fazer parte da rotina e vivências e, assim, por muitas vezes, não é percebida por ser natural. Além disso, verificou-se nas notícias como itens das Práticas Discursivas a *intertextualidade* (inserção de “vozes” que produzem sentidos nos textos das notícias) e a *ironia* (zombar da situação do crime a fim de obter uma reação do leitor). A mídia deve permitir o leitor a possibilidade dele próprio interpretar o acontecimento, segundo os seus padrões de apreensão do mundo e, não efetivar o trabalho ideológico de transmitir as vozes do poder em uma forma disfarçada e oculta no discursos. (FAIRCLOUGH, 2001)

A atenção da mídia, com relação ao entendimento dos discursos jornalísticos *on line* sobre violência contra a mulher em Palmas - TO, não demonstrou e nem deu prosseguimento para abrir campo para discussões e reflexões mais críticas, de modo a explanar pontos importantes como: as formas de violência ocorridas, as providências que devem ser tomadas, os relatos de mulheres que superaram a violência e a importância do fortalecimento de políticas públicas nessa temática.

Enquanto análise inicial, este trabalho buscou corroborar que há ainda muito a ser indagado. Convém, a partir da pesquisa deste artigo abrir caminho para outras pesquisas, inclusive fatos regionais e articulados com outras mídias, a fim de intensificar a pluralização de discursos para combater a hegemonia do masculino sobre o feminino e a busca da mudança social, ou uma “ruptura” das relações sociais entre dominantes e dominados, a partir de uma “transformação do próprio ponto de vista dos dominantes” (BOURDIEU, 2002, p.54), uma vez que as desigualdades entre homens e mulheres se estabeleceu nas relações sociais de modo naturalizado e de forma simbólica.

Referências

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner - 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Thomaz - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL, Lei Nº 11.340, de 7 de Agosto de 2006. Dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: 29 jun. 2015.

CONEXÃO DO TOCANTINS, Redação do. Jovem é condenado a 46 anos de reclusão por latrocínio e estupro seguido de morte da Kelle Silva. **Conexão do Tocantins**, Palmas, 14/04/2015. Disponível em: <http://conexaoto.com.br/2015/04/14/jovem-e-condenado-a-46-anos-de-reclusao-por-latrocinio-e-estupro-seguido-de-morte-da-kelle-silva>. Acesso em: 2 jul. 2015

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança Social**. Izabel Magalhães, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

G1 TO, Redação do. Mulher é encontrada estrangulada dentro de quitinete em Palmas. **G1 TO**, Palmas, 16/08/2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2014/08/mulher-e-encontrada-estrangulada-dentro-de-quitinete-em-palmas.html>. Acesso em: 2 jul. 2015

JORNAL DO TOCANTINS, Redação do. Jovem de 28 anos é achada morta em quitinete. **Jornal do Tocantins**, Palmas, 15/08/2014. Disponível em: <http://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/estado/jovem-de-28-anos-%C3%A9-achada-morta-em-quitinete-1.634456>. Acesso em: 2 jul. 2015

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

SANTOS, Edilma Rodrigues dos. **Discursos midiáticos sobre violência contra a mulher: Estudo dos jornais Diário de S.Paulo e Folha de S.Paulo**. In: II Colóquio Binacional Brasil-México de Ciências da Comunicação. 01 a 03 de abril de 2009, São Paulo. Disponível em: <https://www.espm.br/ConhecaAESPM/Mestrado/Documents/COLOQUIO%20BXM/S5/OK_edilma%20santos.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2015.

SILVA, Luciana Soares da. **A Violência Simbólica Contra a Mulher no Discurso Jornalístico**. In: III Simpósio Nacional Discurso, Identidade E Sociedade (III SIDIS) Dilemas e Desafios na Contemporaneidade, 2012, Campinas. Anais eletrônicos (IBN 978-85-62641-06-0). Campinas: SBS, 2012. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/SILVA_LUCIANA_SOARES_DA.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2015.

SOUZA, Sérgio Ricardo. **Comentários à lei de combate à violência contra a mulher**. / Sérgio Ricardo Souza. / 3. edição. / Curitiba: Juruá, 2009. 228p.

VIANA, Eduardo de Carvalho. **Para um Manual de Redação do Jornalismo On-line. 2001**. 72 f. Monografia – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro –RJ. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101395/estudos1.pdf>>. Acesso em: 2 jul. 2015.

Recebido em 8 de março de 2016
Aprovado em 13 de maio de 2016